

## A música no processo de aquisição da fala de crianças de 0 a 3 anos

### Comunicação

*Fernanda Carolina Barbosa de Oliveira  
Instituto Cristão Arca da Aliança  
fernandacb.oliveira@hotmail.com*

*Cristiane Abreu Migon  
Universidade do Estado de Minas Gerais  
cristiane.migon@uemg.br*

**Resumo:** A proposta deste trabalho é investigar a importância da música no processo de aquisição da linguagem oral de crianças de 0 a 3 anos. Como problemática, este trabalho pressupõe a presença de elementos musicais no processo de aquisição da linguagem oral e, como metodologia, se desdobra em uma pesquisa bibliográfica. Como resultados, percebe-se a presença da linguagem musical no processo de desenvolvimento da fala, visto que a linguagem oral e a música percorrem o mesmo processo de percepção cognitiva no cérebro do ser humano, além da aquisição da linguagem oral ser carregada de elementos musicais, uma vez que o principal objeto da fala é o som.

**Palavras-chave:** Música. Aquisição da linguagem oral. Crianças de 0 a 3 anos.

### Introdução

O cérebro humano possui um mecanismo para descobrir e aprender uma língua falada. A criança tem sua percepção sonora aguçada ainda no período pré-natal quando tem seus primeiros contatos com a língua materna. A escuta desta língua desencadeia outras potencialidades que o fazem capaz de tornar-se um locutor da língua. (ILARI, 2002, p. 84).

Sabemos que a audição anda lado a lado com a aquisição da linguagem. Segundo Ilari (2002, p. 84), o ouvido humano se desenvolve por volta da vigésima segunda semana de gestação, mas passa a ter função somente a partir da vigésima quinta semana de gravidez. Contudo, é a partir da trigésima segunda semana de gestação que o feto tem o sistema auditivo completo e escuta relativamente bem, ainda dentro do útero.

Hepper (1991<sup>1</sup> *apud* ILARI, 2002, p. 84) e Wilkin (1995<sup>2</sup> *apud* ILARI, 2002, p. 84) descobriram que o bebê não é passivo aos sons presentes no útero materno. Pelo contrário, os bebês estão atentos e absorvendo conteúdos sonoros. A temática deste trabalho consiste na importância da música no processo de aquisição da linguagem oral de crianças de 0 a 3 anos e tem como objetivo geral investigar a importância da música no processo de aquisição da linguagem oral de crianças de 0 a 3 anos.

A revisão de literatura foi selecionada por autores que desenvolvem pesquisas sobre a aquisição da fala e sobre a importância da música na educação infantil como Boysson-Bardies (2009), Silva (2007), Flavell e Miller (1999), Barbosa (2012), Tristão e Feitosa (2003), Ilari (2002; 2005), Souza e Barros (2016), dentre outros.

Como justificativa, este trabalho desenvolve uma análise sobre o processo de desenvolvimento da fala e sua relação com os elementos sonoro-musicais, pois interseções entre a música e a linguagem (fala), na compreensão e no desenvolvimento vocal, estão muito próximas e são igualmente relevantes na infância.

Como problemática, este trabalho pressupõe a presença de elementos musicais no processo de aquisição da linguagem oral de crianças de 0 a 3 anos. Como metodologia, esta comunicação se desdobra em uma pesquisa bibliográfica e oferece, aos profissionais que atuam na educação infantil e no ensino de música, um conhecimento que oriente sua prática pedagógica para o desenvolvimento da linguagem oral de crianças de 0 a 3 anos.

Em um primeiro momento, este trabalho se desdobra na análise do processo de desenvolvimento da linguagem oral em crianças de 0 a 3 anos. Na segunda seção, esta comunicação desenvolve a relação da música no processo de aquisição da linguagem oral de crianças de 0 a 3 anos. Como considerações finais, elabora-se a análise dos resultados obtidos.

---

<sup>1</sup> HEPER, Peter. An examination of fetal learning before and after birth. *Irish Journal of Psychology*, v. 12, p. 95-107, 1991.

<sup>2</sup> WILKIN, Phyllis. A comparison of fetal and newborn responses to music and sound stimuli with and without daily exposure to a specific piece of music. *Bulletin of the Council for Research in Music Education*, v. 27, p. 163-169, 1995.

## O processo de desenvolvimento da linguagem oral em crianças de 0 a 3 anos

Segundo a psicanalista Boysson-Bardies (2009, p. 97), o bebê é muito sensível aos indicadores que marcam a organização prosódica<sup>3</sup> da linguagem. A prosódia está dentro da fonética, que basicamente é o sistema criado para registrar os sons da fala, procurando abranger os diferentes idiomas. Silva (2007, p. 59) afirma que a prosódia é a parte da linguagem que trata da “melodia da fala”.

Com trinta semanas de gestação, segundo Boysson-Bardies (2009, p. 97), o feto é sensível às organizações melódicas da linguagem, às variações temporais e de frequência que marcam o ritmo e a entonação das línguas. Com dezessete semanas de gestação, o bebê responde às variações de altura e duração que segmentam as proposições nas línguas. Esta capacidade vai permitir-lhe identificar as fronteiras entre as frases e depois, as palavras.

Silva (2007, p. 142) pontua dois aspectos da prosódia, sendo eles: entonação e ritmo. Entonação se relaciona à frequência de vibração das pregas vocais, ou seja, se refere aos contornos de altura das línguas. A entonação é a maneira como emitimos um som, contendo as variações de altura (grave, médio e agudo) dentro da fala.

O ritmo da fala por sua vez, ressalta o movimento que a voz faz marcando as acentuações das palavras, ou seja, fazendo referência às durações (curto, longo). Barbosa (2012, p. 20) ressalta que o estudo do ritmo da fala “analisa a estruturação de contornos de duração de unidades.” O autor também mostra como o ritmo e a entonação são diferentes tanto em sotaques quanto em idiomas distintos.

O cérebro do bebê possui uma incrível capacidade de captar aspectos presentes na fala mesmo sem ainda conhecer o idioma ao qual está sendo apresentado. “As habilidades fonológicas inatas e adquiridas ajudam-nas a discriminar e produzir sons.” (FLAVELL; MILLER; MILLER, 1999, p. 226). Villiers (1973<sup>4</sup> *apud* FLAVELL; MILLER; MILLER., 1999, p. 227) afirma: “Dentro de alguns dias após o nascimento, os bebês são altamente responsivos à fala ou

---

<sup>3</sup> Parte da gramática tradicional que se dedica as características da emissão dos sons da fala, como acento e entonação. DICIONÁRIO OXFORD LANGUAGES. Disponível em: <https://www.google.com/search?q=fon%C3%A9tica&oq=FONETICA&aqs=chrome.1.69i57j0l6j69i60.2512j0j7&sourceid=chrome&ie=UTF-8>.

<sup>4</sup> VILLIERS, J. G de; VILLIERS, P. A de. A cross-sectional study of the acquisition of grammatical morphemes. *Journal of Psycholinguistic Research* 2, 267-278, 1973.

outros sons de tom semelhante ao da voz humana. A fala parece ser gratificante para o bebê de uma maneira que os outros sons não são.”

Jusczyk, Houston e Goodman (1998<sup>5</sup> *apud* TRISTÃO; FEITOSA, 2003, p. 459-460) citam que “as principais conquistas linguísticas durante o primeiro ano de vida do bebê são o controle da musculatura da fala, a sensibilidade às distinções fonéticas usadas na fala de seus pais e a sensibilidade aos marcadores prosódicos que indicam a entonação presente”. E todas estas habilidades acontecem antes mesmo de que eles compreendam o significado das palavras e antes mesmo que consigam reproduzi-las.

Antes que o bebê fale suas primeiras palavras, podemos dizer que ele usa outra forma de comunicação, que pode ser chamada de pré-linguística que incluem o choro, balbucios e imitação de sons. O desenvolvimento da linguagem pode ser dividido em dois estágios, sendo eles: o pré-linguístico e o linguístico. No pré-linguístico, o bebê usa sons para se comunicar e não utiliza palavras. Neste estágio, os bebês são capazes de identificar diferentes sons da fala que definem classes da fonética de diferentes idiomas. Com aproximadamente um ano de idade, o bebê conclui esse processo de reconhecimento do som e passa a reconhecer e discriminar apenas sons da língua nativa. (TRISTÃO; FEITOSA, 2003, p. 460).

Neste momento, o bebê quase sempre usa uma expressão emocional para comunicar-se, um exemplo é o choro regular. Além de expressões de emoção, o bebê emite alguns sons e ruídos, começam a tentar imitar o que ouvem e geralmente repetem sons de consoantes e vogais como “da-da-da” ou “ma-ma-ma.” (TRISTÃO; FEITOSA, 2003, p. 461).

O estágio linguístico é o momento da maturação, no qual o bebê irá usar os sons aprendidos anteriormente para produzir as palavras. Inicialmente, os bebês associam uma mesma palavra a diversas coisas, por ainda não compreender plenamente a diferença de significado entre as palavras.

---

<sup>5</sup> JUSCZYK, P. W.; HOUSTON, D.; GOODMAN, M. (1998). Speech perception during the first year. In: SLATER, A. (Org.). *Perceptual development: visual, auditory, and speech perception in infancy* (p. 357-387). Hove, Reino Unido: Psychology Press. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-294X2003000300013](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2003000300013)). Acesso em: 07 jul. 2023.

A aquisição da linguagem não é um fenômeno cognitivo isolado das outras funções do corpo humano, pelo contrário, ela é diretamente ligada a outras funções. Antes que o ser humano alcance o domínio da linguagem, há um longo processo que começa ainda dentro do útero materno.

Estudos sobre o desenvolvimento da linguagem nos bebês (ARMOND; MONTEIRO, 2015, p. 15; BOYSSON-BARDIES, 2009, p. 99) mostram que antes de a criança ser capaz de emitir sons da linguagem, começa o processo de seleção dos elementos “acústico-fonéticos”. Estes elementos podem ser caracterizados como: vibração, intensidade, harmonia e ressonâncias.<sup>6</sup>

Cada uma dessas características estão presentes na forma de produção dos sons que geram a fala. O som é uma onda que é gerada pela vibração, logo o som consiste na propagação de ondas. Essas ondas são diferentes conforme a intensidade, causando uma maior ou menor frequência que é medida pela altura, o que torna possível saber se um som é grave, médio ou agudo, forte ou fraco. (SILVA, 2007, p. 57).

As vibrações das ondas sonoras geram os harmônicos. Todo som que ouvimos é o resultado de uma onda de vibração. Nessa onda são geradas notas sequenciadas e essas notas são chamadas de harmônicos, que em diferentes combinações geram diferentes notas. Quando falamos, são geradas ondas que produzem entonações diferentes devido às diferentes combinações destes harmônicos. As ondas sonoras podem ser caracterizadas como simples e complexas. Uma onda se torna complexa a partir de harmônicos presentes nela. (SILVA, 2007, p. 58).

Algumas variações, na onda sonora, podem ser provocadas pela intensidade. A intensidade é o volume do som, se ele é forte ou fraco. Podemos compreender a intensidade como a força que é emitida a onda sonora e dizer que essas características estão presentes na ressonância. (SILVA, 2007, p. 59).

Segundo as definições do dicionário Oxford Languages<sup>7</sup>, o significado de ressonância na fonética é a “alteração da vibração do ar emitido, provocada pela cavidade pulmonar, cavidade bucal e fossas nasais, que causa a intensificação do tom fundamental ou

---

<sup>6</sup> MANUAL DE FONÉTICA ACÚSTICA - UFSC. Disponível em: [https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/918950/mod\\_resource/content/1/Manual%20de%20Fon%C3%A9tica%20Ac%C3%Bastica.pdf](https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/918950/mod_resource/content/1/Manual%20de%20Fon%C3%A9tica%20Ac%C3%Bastica.pdf).

<sup>7</sup> DICIONÁRIO OXFORD LANGUAGES. Disponível em: <https://languages.oup.com/google-dictionary-pt/>.



de alguns harmônicos do som produzido pelas cordas vocais”. Logo, podemos perceber que todos os elementos estão interligados na produção sonora.

A criança tem sua percepção aguçada para essas propriedades particulares da língua materna. E passa a ser sensível aos indicadores estruturais de sua língua. O cérebro é equipado por um “kit genético para a linguagem e favorecem uma rápida seleção de formas e palavras da língua.” (BOYSSON-BARDIES, 2009, p. 99).

Para compreender o lugar que ocupam os sons da língua nos primeiros laços de comunicação, basta observar a intensidade do olhar de um recém-nascido de dois ou três dias, em direção a boca de um rosto que está “falando com ele” e os sinais de mal-estar assim que esse mesmo rosto se torna neutro. (BOYSSON-BARDIES, 2009, p. 99, grifos da autora).

Os bebês estão sempre muito atentos a tudo, estão em busca de se aperfeiçoar. E no quesito linguagem é notório a vontade de se comunicar com os outros ao seu redor. Mesmo que não seja por palavras, o bebê utiliza de formas para se comunicar e desenvolver relações ao seu entorno até que domine a língua falada. Durante os primeiros dois meses, os sons que o bebê produz são, em sua maioria, sons fisiológicos. Após os dois meses, o bebê começa a vocalizar. (BOYSSON-BARDIES, 2009, p. 99).

Segundo Sadock, Sadock e Ruiz (2017, p. 93), nos primeiros dois meses de vida, os bebês têm reação de susto e surpresas a sons altos e inesperados. Começam a mexer a cabeça tentando localizar de onde veio o som. Reconhecem as emoções por meio da voz e parecem entender o que está sendo falado, pois podem responder com um sorriso ou choro.

Segundo Boysson-Bardies (2009, p. 98), desde os seis meses “inicia-se uma seleção (no sentido amplo do termo) dos dados fornecidos pelo entorno linguístico.” Ilari (2002, p. 85) demonstra que foi possível descobrir que o cérebro dos bebês vai registrando informações e fazendo uma seleção do que irá precisar para dominar a língua materna.

A partir do sétimo ao décimo primeiro mês, ocorre uma preparação para a etapa linguagem e a criança demonstra seletividade auditiva, responde ao próprio nome com vocalizações, ouve músicas com interesse, imita melodia de vozes próximas, presta atenção à fala sem ser distraído por sons alheios. (SADOCK; SADOCK; RUIZ, 2017, p. 1086).

A partir deste momento, as crianças passam a produzir sílabas que se parecem com as sílabas dos adultos. No começo, os balbucios apresentam uma similaridade com o



esquema dos sons das consoantes e vogais. Por volta dos oito a nove meses, os balbucios se aproximam dos modelos de entonação de sua língua. Por volta de dez a onze meses, a criança começa a emitir sílabas tentando reproduzir a sua língua. (SADOCK; SADOCK; RUIZ, 2017, p. 1089).

Com onze e doze meses, a criança começa a falar algumas palavras como tchau, não, mamãe, etc. A partir deste momento, a escuta da criança se orienta em direção à procura de sentido.

A criança, entre dez e dezesseis meses, continua a balbuciar favorecendo a produção de formas da linguagem materna, mas, em torno de um ano, ela produzirá suas primeiras palavras. As primeiras palavras das crianças são foneticamente subespecificadas. As crianças constroem representações em sílabas ou em “palavras prosódicas” que elas integram ao seu léxico, aceitando assim formas aproximativas. (BOYSSON-BARDIES, 2009, p. 98).

Por volta dos quatorze a dezoito meses, o bebê começa formar frases com palavras do seu cotidiano geralmente com duas palavras e começa a apontar para os objetos. Dos dezoito meses até vinte e quatro meses, espera-se que a criança já possua um vocabulário de mais ou menos 150 a 300 palavras. Neste momento, a criança já consegue associar duas palavras em uma mesma frase e usá-las com sentido dentro do seu cotidiano. (SADOCK; SADOCK; RUIZ, 2017, p. 1089).

Ainda aos vinte e quatro meses, ao conseguir elaborar frases com 2 a 3 palavras (ou mais), a criança ainda possui dificuldades com a dicção das palavras podendo ser difícil a compreensão do que a criança quer dizer. A partir dos 24 meses, o bebê já consegue responder a perguntas com sim e não, mostrando que compreende o significado do que ouve. (SADOCK; SADOCK; RUIZ, 2017, p. 1089).

No período de 2 a 3 anos, a criança pode apresentar dificuldades com a dicção das palavras, é comum que a criança apresente gagueira o que é normal apenas durante um período, sendo importante que os pais observem e se necessário procurem ajuda médica. Aos 3 anos, espera-se que a criança seja capaz de se comunicar com fluência conforme citado anteriormente. É comum que as palavras sejam um pouco confusas e não haja muita concordância nas frases. (MORGADO, 2013, p. 26).



É de fundamental importância o diagnóstico de um possível percalço do desenvolvimento da linguagem para que assim possa ser aplicado algum tipo de auxílio e tratamento para alcançar uma solução. “Na maioria das vezes esses distúrbios são percebidos pelos pais, que referem que a criança tem dificuldade para falar ou que não fala, é dificilmente compreendida, incapaz de dizer alguns sons corretamente ou que gagueja.” (PRATES; MARTINS, 2011, p. 54).

Prates e Martins (2011, p. 58) citam alguns sinais que podem identificar um distúrbio, como: 1) nenhuma palavra emitida até os 18 meses; 2) não colocação de duas palavras juntas aos dois anos; 3) ausência de desempenho imitativo e simbólico aos dois anos; 4) não formação de sentenças aos três anos; 5) discurso incompreensível aos três anos. Para Oller, Eilers e Schwartz (1999<sup>8</sup> *apud* PRATES; MARTINS, 2011, p. 58), “o balbuciar que normalmente é produzido por volta dos 10 meses de idade, quando atrasado, pode prognosticar desordens da fala.”

Em relação ao aperfeiçoamento do vocabulário da criança, torna-se importante observar: o número de palavras, complexidade das frases, entonação, articulação dos fonemas (sons da língua), o uso da linguagem como iniciativa de comunicação e fluência da fala, ou seja, velocidade, rupturas e alterações de ritmos (gaguez). (PRATES; MARTINS, 2011, p. 55).

## **A música no processo de aquisição da linguagem oral de crianças de 0 a 3 anos**

Nesta seção, pretende-se discorrer sobre a importância da produção sonoro-musical na aquisição da oralidade e os possíveis elementos musicais presentes no processo de desenvolvimento da fala. O desenvolvimento cognitivo, de modo amplo e geral, depende do bom desenvolvimento de todas as funções, sendo elas: sensorial, perceptiva, motora, linguística, intelectual e psicológica. (BUCHWEITZ, 2016, p. S10).

---

<sup>8</sup> OLLER, D.K.; EILERS, R.; SCHWARTZ, H. Precursors to speech in infancy: the prediction of speech and language disorders. *J COMMUN Disord*, 1999.

Dentre essas funções, a linguística é um campo finito composto por princípios e regras que permitem, ao falante, codificar significados em sons e, ao ouvinte, decodificar sons em significado. (FRANÇA *et al.*, 2004, p. 469). Segundo Beatriz Ilari (2005, p. 5), a música e a linguagem frequentemente se confundem no início da vida. Os bebês, por exemplo, carregam em suas primeiras emissões sonoras, muitas características musicais. Logo, percebe-se sinais claros da música no processo de desenvolvimento da linguagem oral.

Traçando um paralelo com a linguagem oral, a linguagem musical também pode ser considerada uma linguagem universal. É comum, em diferentes culturas, os pais cantarolarem para o bebê mesmo ainda na barriga, cantarem para acalmar o bebê, para brincar e para interagir com a criança. (ILARI, 2005, p. 4).

A linguagem e a música passam pelos mesmos processos de compreensão cognitiva no cérebro do ser humano. Na infância o cérebro humano é maleável absorvendo mais os aprendizados e isso também ocorre com o desenvolvimento auditivo. Sabe-se hoje que, do nascimento ao décimo mês de vida o bebê, as habilidades de distinções de alturas, timbres e intensidade são aprimoradas. (ILARI, 2005, p. 5).

Assim como no processo de desenvolvimento da linguagem, o cérebro da criança percorre dois processos comuns no aprendizado musical. Segundo Ilari (2005, p. 1), esses dois processos são chamados de impregnação e imitação, os quais estão totalmente ligados às funções psicológicas como a comunicação e a emoção.

Segundo a autora, diversos pesquisadores afirmam que a música facilita a comunicação de emoções, sensações, percepções e pensamentos, estimula a criatividade e a imaginação do indivíduo. Para além dessas características, a música provoca no cérebro estímulos neurais.

A música não está presente em apenas um hemisfério do cérebro, mas sim nos dois hemisférios. Segundo Souza e Barros (2016, p. 4), estudos mostram que a música utiliza diferentes configurações neurais, ou seja, além de ser processada no cérebro, a música também afeta o seu funcionamento.

Exposto à música, o cérebro passa por alterações fisiológicas como: variabilidade dos ritmos endógenos da frequência cardíaca, dos ritmos respiratórios, dos ritmos cerebrais, dentre outras alterações. Através de tal exposição, conclui-se que a combinação da música,

no processo de desenvolvimento infantil, alavanca o desenvolvimento do processo cognitivo de um modo geral.

Ilari (2002, p. 85) relata o que acontece no cérebro do bebê em relação à música nos primeiros anos de vida. Segundo a autora, a música na infância remete ao acalento da mãe. Estudiosos, médicos, filósofos e educadores discutem, ao longo da história, o poder sedativo e curativo da música em diversas populações e contextos, principalmente nos primeiros anos de vida do ser humano.

A autora também destaca como a música, nessa fase da vida, é presente como uma forma de entretenimento, seja para ninar, acalantar ou brincar. As músicas usadas para este intuito são simples, com melodias fáceis, intervalos simples e que são reconhecidas em várias culturas. (ILARI, 2002, p. 84).

Diante disso, constata-se uma troca entre os pais (ou cuidadores) com o bebê. Ao acalantar, há uma interação mesmo que sem palavras ou significados para o bebê. A criança consegue compreender a mensagem que está sendo passada de acalento e a música, neste momento, serve como uma ponte para a interação do bebê com este novo mundo ao qual ela está conhecendo.

## Considerações finais

Um dos aprimoramentos da comunicação é dominar a língua materna e conseguir comunicar-se por meio dela. Para que a criança tenha sucesso na compreensão e aquisição da língua materna, ela precisa estar imersa em um ambiente sonoro que ela seja capaz de ouvir claramente as palavras e que tenha também a oportunidade de falar.

Segundo Ilari (2005, p. 4), a música e a linguagem frequentemente se confundem no início da vida. Os bebês, por exemplo, carregam em suas primeiras emissões sonoras, muitas características musicais. Logo, percebe-se sinais claros da música no processo de desenvolvimento da linguagem oral.

Ao investigar a importância da música no processo de aquisição da linguagem oral de crianças de 0 a 3 anos, percebe-se que a música e a linguagem são duas formas de comunicação humana as quais apresentam o som como elemento fundamental. Ao

passarem pelo mesmo processo de compreensão cognitiva, possibilitam a absorção e o aprimoramento de habilidades de distinções dos parâmetros do som.

Além disso, a aquisição da linguagem oral vem carregada de elementos sonoro-musicais, pois considera-se a melodia como a principal comunicação que os bebês captam, o que constata que a linguagem oral e a linguagem musical são formas de comunicação e expressão humana que compartilham possíveis propriedades acústicas em comum, o que demonstra a importância da música no processo de aquisição da linguagem oral.



## Referências

ARMOND, A. C.; MONTEIRO, P. M. O desenvolvimento da linguagem na criança a partir da noção de instinto em Steven Pinker. *Horizonte Científico* (Uberlândia), v. 9, p. 1-20, 2015.

BARBOSA, P. A. Conhecendo melhor a prosódia: aspectos teóricos e metodológicos daquilo que molda nossa enunciação. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, 2012, Volume 20, n. 1, p. 11-27, Jan/jun., 2012.

BOYSSON-BARDIES, B. Como a fala surge na criança. *Revista Brasileira de Psicanálise*, vol. 43, n. 1, 97-103, 2009.

BUCHWEITZ, A. Desenvolvimento da linguagem e da leitura no cérebro atualmente: neuro marcadores e o caso de predição. *Jornal de Pediatria*, Rio Grande do Sul, ano 2016, v. 92, n. 3, 30 jun. 2016.

DICIONÁRIO OXFORD LANGUAGES, 2023. Disponível em: <https://www.google.com/search?q=fon%C3%A9tica&oq=FONETICA&aqs=chrome.1.69i57j0l6j69i60.2512j0j7&sourceid=chrome&ie=UTF-8> . Acesso em: 07 jul. 2023.

DICIONÁRIO OXFORD LANGUAGES, 2023. Disponível em: <https://languages.oup.com/google-dictionary-pt/>. Acesso em: 11 jul. 2023.

FLAVELL, J. H.; MILLER, P. H; MILLER, S. *Desenvolvimento cognitivo*. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 1999.

FRANÇA, M. P.; WOLFF, C. L.; MOOJEN, S.; ROTTE, N. T. Aquisição da linguagem oral: relação e risco para a linguagem escrita. *Arquivos de Neuropsiquiatria*, v. 62, p. 469-472, 2004.

ILARI, B. S. Bebês também entendem de música: a percepção e a cognição musical no primeiro ano de vida. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, v. 7, 83-90, set. 2002. Disponível em: [chrome-extension://efaidnbnmnnibpcajpcglclefindmkaj/http://abemeducacaomusical.com.br/revista\\_abem/ed7/revista7\\_artigo9.pdf](chrome-extension://efaidnbnmnnibpcajpcglclefindmkaj/http://abemeducacaomusical.com.br/revista_abem/ed7/revista7_artigo9.pdf). Acesso em: 08 out. 2023.

ILARI, B. S. A Música e o desenvolvimento da mente no início da vida: investigação fatos e mitos. *Revista Eletrônica de Musicologia*, vol. IX, out./2005. Disponível em: [http://www.rem.ufpr.br/\\_REM/REMv9-1/ilari.pdf](http://www.rem.ufpr.br/_REM/REMv9-1/ilari.pdf). Acesso em: 29 jun. 2021.

MANUAL DE FONÉTICA ACÚSTICA - UFSC. Disponível em: [https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/918950/mod\\_resource/content/1/Manual%20de%20Fon%C3%A9tica%20Ac%C3%BAstica.pdf](https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/918950/mod_resource/content/1/Manual%20de%20Fon%C3%A9tica%20Ac%C3%BAstica.pdf). Acesso em: 07 jul. 2023.

SADOCK, B. J; SADOCK, V. A; RUIZ, P. *Compêndio de psiquiatria: ciência do comportamento e psiquiatria clínica*. 11 ed. Porto Alegre: Artmed, 2017.

MORGADO, M. de L. dos S. *Educação Infantil: o desenvolvimento da linguagem oral em crianças de 1 a 3 anos e o trabalho do professor*. Unisaesiano, Lins/SP, 2013. Disponível em: <chrome-extension://efaidnbnmnnibpcajpcglclefindmkaj/https://unisaesiano.com.br/biblioteca/monografias12/56005.pdf>. Acesso em 03 jun. 2020.

PRATES, L. P. C.; MARTINS, V. O. Distúrbios da Fala e da Linguagem na Infância. *Rev. Med Minas Gerais*, v. 21, n. 4 Supl1, p. S54-S60, 2011.

SILVA, A. H. P. *Língua Portuguesa I: fonética e fonologia*, Curitiba: IESDE Brasil S.A., 2007.

SOUZA, H. C. R. de; BARROS, Rosemara Staub. A Mente musical: fundamentos neurológicos, interculturais e educação musical. *In: IX ENCONTRO REGIONAL NORTE DA ABEM, 2016, Boa Vista. Anais...*Boa Vista: ABEM, 2016.

TRISTÃO, R. M; FEITOSA M. A. G. Percepção da fala em bebês no primeiro ano de vida. *Estudos de Psicologia*, v.8, n.3, p. 459-467, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/epsic/a/yV56Gx7KLrpRHJxfHfp64Zq/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 01 jun.2020.